BRASIL
Revista Digital
Ano 1 - N° 1

REVISTA SomTEA

A compreensão é o primeiro passo para a inclusão.

Meu filho não fala...

mas ele me ensinou a ouvir.

- Diagnóstico Precoce - guia essencial
- Histórias que vão te transformar

EDITORIAL



Em um mundo onde tantas vozes ainda lutam para serem compreendidas, nasce a SOMTEA não apenas como uma revista, mas como um movimento de conscientização, valorização profissional e transformação social

Acreditamos que o autismo não deve ser tratado com superficialidade, estereótipos ou invisibilidade. Por trás de cada criança, adolescente, adulto e família dentro do espectro, existem histórias reais, desafios silenciosos, conquistas imensas e profissionais dedicados que transformam vidas diariamente.

A SOMTEA surge com o propósito de conectar conhecimento, empatia e excelência. Queremos construir um espaço onde especialistas, clínicas, escolas, terapeutas, pesquisadores e famílias possam encontrar informação de qualidade, inspiração e oportunidades de crescimento conjunto.

Esta revista nasce da convicção de que inclusão verdadeira não acontece apenas através de discursos, mas através da união entre profissionais comprometidos, educação de qualidade e acesso à informação séria, humana e transformadora.

- ✓ ***Mais do que páginas, queremos criar pontes.***
- ✓ ***Mais do que conteúdo, queremos gerar impacto.***
- ✓ ***Mais do que uma revista, queremos construir um legado.***

A todos os profissionais que dedicam suas vidas ao desenvolvimento, acolhimento e evolução das pessoas autistas, deixamos aqui nossa admiração e nosso convite: caminhem conosco nesta missão.

O futuro da inclusão precisa de vozes fortes, mentes preparadas e corações comprometidos.

E acreditamos que algo extraordinário está começando no Brasil.

Jose Leonardo Pena
Diretor Geral e Editor-Chefe
Embaixador TEA pelo Brasil

CRÉDITOS

DIREÇÃO GERAL
Jose Leonardo Pena

EDIÇÃO
Dra. Sophia de Bru
Dr. Antonio Oliveira

DIREÇÃO DE ARTE
Gabriel Pereira
Ana Bianchi

COLABORAÇÃO TÉCNICA
Dra. Mariana Costa
Neurologia Infantil (Brasil)
Dr. Felipe Andrade
Psiquiatria do Desenvolvimento (Brasil)
Dra. Camila Rocha
Fonoaudiologia Clínica (Brasil)
Dr. Ricardo Martins
Terapia Ocupacional e Integração Sensorial (Portugal)
Dra. Juliana Freitas
Psicologia do Desenvolvimento (Brasil)
Dr. Eduardo Nunes
Neuropsicologia e Avaliação Cognitiva (Espanha)

ANO 1 Nº 1 – BR

INSTAGRAM
@autismo_somtea

E-mail:
autismo.somtea@gmail.com
TELEFONE:
(17) 99134-1887
(17) 98166-4257
SJRP – SP
CNPJ: 44.957.523/0001-04

Diretório Oficial de Profissionais do TEA

PREMIUM QUALITY

Vagas limitadas
Reserve seu espaço agora

Seu perfil profissional no maior diretório do TEA ...Inscreva-se agora

SOMTEA

“Meu filho não fala, mas me ensinou a escutar”

Quando o silêncio se transforma em linguagem e o amor aprende novas formas de comunicação



Há um momento na vida de muitas mães e pais atípicos em que o mundo parece parar. É quando percebem que o desenvolvimento do filho não segue os caminhos esperados quando as palavras não chegam, quando o olhar parece distante, quando o silêncio ocupa espaços que antes estavam cheios de expectativas. Para algumas famílias dentro do espectro do autismo, essa realidade não é passageira. É um novo começo.

“Meu filho não fala.” A frase, à primeira vista, carrega um peso enorme. Para muitos, ela soa como ausência de comunicação, de conexão, de troca. Mas, com o tempo, muitos pais descobrem que essa frase está incompleta. Porque, na verdade, seus filhos não deixaram de se comunicar apenas encontraram outras formas de fazê-lo.

No universo do Transtorno do Espectro Autista (TEA), o silêncio nunca é vazio. Ele é cheio de sinais, gestos, olhares, movimentos sutis e intensos ao mesmo tempo. Um toque leve pode dizer "eu confio em você". Um sorriso inesperado pode significar "estou aqui". Um choro, muitas vezes incompreendido, pode ser um pedido urgente de ajuda diante de um mundo sensorialmente avassalador.

Aprender a escutar, nesse contexto, deixa de ser um ato passivo. Torna-se uma habilidade profunda, quase intuitiva. É preciso desacelerar, observar, sentir. É abandonar a ideia de que a comunicação acontece apenas através das palavras e abrir espaço para outras linguagens mais silenciosas, mas não menos poderosas.



Mães atípicas frequentemente descrevem essa jornada como uma transformação pessoal intensa. No início, há medo, dúvidas, até luto pelas expectativas não cumpridas.

Mas, aos poucos, surge algo novo: uma sensibilidade ampliada, uma conexão que vai além do verbal, uma capacidade de perceber o mundo através de outra perspectiva.

Elas aprendem a celebrar conquistas que, para muitos, passariam despercebidas o primeiro contato visual prolongado, uma tentativa de interação, um gesto repetido com intenção. Cada pequeno avanço carrega um significado gigante.

E, talvez, uma das maiores lições seja essa: comunicação não é apenas falar. Comunicação é vínculo. É presença. É estar disponível para entender o outro, mesmo quando ele não se expressa da forma convencional.

Em uma sociedade que valoriza tanto a rapidez, a fala e a produtividade, o autismo nos convida a uma pausa. Nos ensina que há beleza no ritmo próprio, que o silêncio pode ser fértil e que escutar é, acima de tudo, um ato de amor.

A frase, agora completa, deixa de ser uma dor e se transforma em aprendizado. Porque, no fim, talvez não sejam eles que precisem aprender a falar como nós mas nós que precisamos aprender a escutar como eles.



Comorbidades e TEA: qual é a relação?

Você com certeza já deve ter ouvido falar em comorbidade. O termo significa a presença de condições associadas ao diagnóstico principal do paciente. Por exemplo: no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), comorbidade trata de outras condições de saúde que podem coexistir com o transtorno, como ansiedade, epilepsia e TDAH. Neste texto, vamos falar mais sobre o assunto e destacar por que é importante prestar atenção às comorbidades para promover uma melhor qualidade de vida.

Antes, vale saber que boa parte das pessoas com TEA têm alguma comorbidade: revisões sistemáticas recentes mostram que cerca de 70% das pessoas com autismo têm, pelo menos, uma comorbidade. Além disso, é comum ter mais de uma comorbidade associada, entre quadros neurológicos, psiquiátricos, cognitivos e físicos, como os que listamos a seguir.

Assim como o diagnóstico precoce do autismo é essencial, reconhecer e tratar precocemente as comorbidades é fundamental para promover atenção integral, prevenir agravamentos e promover o desenvolvimento, a saúde e o bem-estar da pessoa com TEA.

O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por diferenças na comunicação, nos comportamentos e na interação social, que se manifestam de formas muito diversas entre um indivíduo e outro. Por isso, não é correto generalizar, pois cada pessoa com autismo têm as suas características, potencialidades e necessidades. Da mesma forma, as comorbidades associadas ao TEA também variam muito entre uma pessoa e outra.

É interessante pontuar também que uma comorbidade pode influenciar o modo como o autismo se expressa, trazendo mais impactos na vida cotidiana. Em alguns casos, uma comorbidade pode intensificar determinados traços do



autismo. É o que acontece, por exemplo, em pessoas com TEA que também apresentam quadros de depressão ou ansiedade. A ocorrência dessas condições pode acentuar desafios na hora de ter contato com outras pessoas ou na flexibilidade para novas experiências.

Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)

Não é difícil encontrarmos pessoas com TEA também diagnosticadas com TDAH. Entre os sintomas estão a dificuldade de foco e concentração, a hiperatividade, bem como a dificuldade para organizar atividades e cumprir prazos ou até mesmo concluir tarefas. É importante que cada transtorno seja identificado e tratado, evitando enxergá-los como uma coisa só, pois cada um apresenta manifestações e abordagens terapêuticas distintas.
O diagnóstico preciso permite que as estratégias de intervenção sejam personalizadas, combinando terapias, ajustes ambientais, orientações familiares e, em alguns casos, uso de medicação.

Epilepsia

Essa é outra comorbidade comum no contexto do TEA e pode atingir de 25 a 40% das pessoas com autismo. Diferente de outras comorbidades, a epilepsia costuma ser mais evidente e se caracteriza por descargas elétricas anormais ou excessivas no cérebro, que podem gerar movimentos involuntários no corpo, alterações de consciência ou comportamentos atípicos durante as crises.
Uma vez diagnosticada, é preciso ter atenção para identificar e evitar gatilhos ou fatores que podem levar à piora do quadro de epilepsia. Alguns sinais merecem atenção redobrada, tais como enrijecimento dos músculos, olhar fixo e ausente, quedas súbitas e contração involuntária de membros. O acompanhamento interdisciplinar é fundamental para ajustar intervenções e ampliar a segurança e o bem-estar da pessoa com autismo.

Distúrbios alimentares são condições psiquiátricas reconhecidas pelos manuais diagnósticos e envolvem quadros com alterações persistentes nos comportamentos, percepções e emoções relacionados à alimentação, peso e imagem corporal, causando impactos significativos na saúde física e mental. Os principais distúrbios alimentares são anorexia, bulimia, compulsão, síndrome de pica e o Transtorno Alimentar Restritivo Evitativo (TARE).
No autismo, a seletividade alimentar é frequentemente observada e pode se constituir como uma comorbidade funcional. Ela pode estar relacionada a fatores sensoriais, rigidez comportamental, com preferências por texturas, cheiros, sabores, cores ou temperaturas específicas dos alimentos. Quando a seletividade é tão restritiva que leva à perda de peso, deficiências nutricionais ou sofrimento emocional, pode preencher os critérios diagnósticos de TARE.

Além da seletividade, outros hábitos alimentares fora do padrão e irregulares também são comuns em pessoas com autismo e podem resultar em obesidade, alterações metabólicas ou magreza excessiva. A depender do padrão alimentar da pessoa, além de refletir no peso, esse hábito pode significar falta de nutrientes no organismo ou excesso de açúcar, por exemplo, comprometendo outros aspectos da saúde.

Como o organismo funciona de forma integrada, uma visão holística e interdisciplinar sobre a saúde é especialmente importante no cuidado às pessoas neurodivergentes, que podem camuflar comportamentos, ocultar dificuldades e evitar ou não conseguir relatar desconfortos que precisam ser investigados.



depoimento

CAA E AUTISMO



Meu nome é Patricia e tenho quatro filhos: Lucas, Pedro, Gabriel e Maria. Pepeu e Gabi foram diagnosticados aos dois anos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Desde então, foram tantas intervenções e tratamentos que buscamos, que certamente eu me esqueceria de alguma se fosse aqui elencar. Entretanto, dentre tantas escolhas, uma eu nunca vou me esquecer e sempre vou dar destaque na nossa história: a escolha (tardia, confesso) de começar com a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) com os meus filhos aos quatro anos de idade.

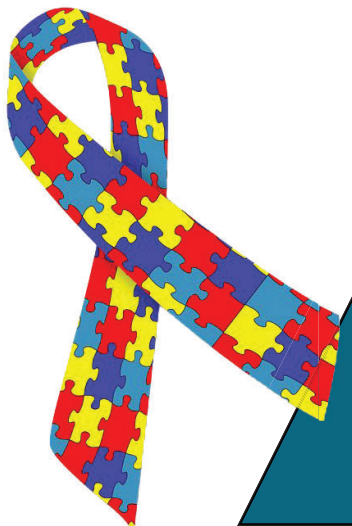
Naquela época – 13 anos atrás – as informações sobre CAA eram muito escassas e contraditórias, alguns profissionais indicavam, mas muitos nem a conheciam. Muitas eram minhas inseguranças e dúvidas. Eu não conhecia nenhuma família que utilizava um sistema e pudesse me falar sobre os seus benefícios. Fiquei com muito medo de introduzir a CAA e meus filhos nunca falarem por uma escolha minha. Também achava que eles não tinham a capacidade de entender os desenhos dos pictogramas porque eram muito "abstratos". E, nesse processo, somente após um ano refletindo, superei os

meus conflitos e começamos a CAA com meus filhos. E foi a melhor decisão de todas!

Após tantas expectativas frustradas no processo de tratamento do TEA, finalmente tínhamos acertado. Comportamentos chamados como "inadequados" diminuíram sensivelmente, birras "desapareceram" e, o mais importante: um sorriso lindo de:"mãe agora consigo dizer o que eu quero", surgiu nos rostinhos de meus filhos. Tudo mudou para melhor naquela época. Impossível expressar o que eu senti quando comecei a entender os desejos deles através de trocas de figuras! E, a felicidade indescritível quando algum tempo depois, surgiram as primeiras palavrinhas.

Mas como nem tudo acontece como planejado, quando meus filhos começaram a falar pequenas frases, recebi a orientação (equivocada, mas comum na época) de que não era mais necessário utilizar CAA, porque eles já estavam falando. Depois disso, o desenvolvimento da linguagem de meus filhos diminuiu sensivelmente, sendo que até hoje, mesmo com a reintrodução da CAA, os prejuízos são indiscutíveis. Essa foi uma decisão que me arrependo, mas que não me desanimou; sigo presumindo sempre o potencial deles, validando e, festejando, toda e qualquer forma de comunicação!

E, com esse relato busco incentivar e alertar a todos os pais ou profissionais que tenham filhos ou pacientes com qualquer dificuldade de comunicação, a começar o quanto antes com a CAA, porque essa foi a minha melhor escolha até os dias de hoje!



Todos merecem ser ouvidos e compreendidos, e um sistema de CAA personalizado é um recurso poderoso para atingir esse direito, ainda que o indivíduo já tenha o recurso da fala. Por experiência própria, não superestimem a fala, o desenvolvimento da linguagem é um processo muito mais complexo. Busquem e defendam o direito dos seus filhos ou pacientes de serem ouvidos em todos os sentidos, em todos os lugares e com todos





“Como a CAA está mudando a voz de crianças autistas não verbais”

A comunicação é um direito humano fundamental e, para milhares de crianças autistas não verbais, esse direito historicamente foi limitado por barreiras que vão além da ausência da fala. Hoje, no entanto, a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) vem promovendo uma verdadeira transformação: não apenas oferecendo uma forma de comunicação, mas devolvendo voz, autonomia e dignidade a essas crianças.

A CAA é definida como um conjunto de estratégias, recursos e tecnologias que complementam ou substituem a fala oral quando ela não é funcional. Isso inclui desde pranchas com figuras e cartões simbólicos até dispositivos digitais e aplicativos avançados. Mais do que ferramentas, esses recursos representam pontes entre o mundo interno da criança e o ambiente ao seu redor .

Durante muitos anos, prevaleceu um mito amplamente difundido: o de que o uso de sistemas alternativos poderia “atrasar” ou impedir o desenvolvimento da fala. A ciência contemporânea já refutou essa ideia. Estudos mostram que a CAA não apenas não prejudica a fala, como pode favorecer seu desenvolvimento quando utilizada de forma adequada e individualizada . Esse avanço conceitual tem sido essencial para que famílias e profissionais adotem a CAA com mais segurança e confiança.

Na prática, os impactos são profundos. Pesquisas na área demonstram que crianças autistas que utilizam CAA apresentam aumento significativo nos atos comunicativos, ampliando sua capacidade de expressar necessidades, desejos, emoções e pensamentos . Isso significa que comportamentos muitas vezes interpretados como “desafiadores” podem, na verdade, ser substituídos por comunicação funcional reduzindo frustrações e promovendo interações mais positivas.

Além disso, a CAA desempenha um papel central no desenvolvimento social. Crianças que antes estavam isoladas passam a participar de atividades escolares, interagir com colegas e estabelecer vínculos afetivos mais consistentes. A comunicação deixa de ser uma barreira e passa a ser um caminho de inclusão. Em contextos

educacionais, por exemplo, o uso de tablets e tecnologias assistivas tem demonstrado resultados expressivos na participação e aprendizagem de alunos não falantes .

Do ponto de vista emocional, o impacto é igualmente transformador. Quando uma criança consegue se comunicar, ela deixa de ser invisível em suas necessidades. Passa a ser compreendida, ouvida e respeitada. Isso fortalece sua autoestima, reduz níveis de ansiedade e contribui para um desenvolvimento mais saudável. A comunicação, nesse contexto, não é apenas funcional é também afetiva e relacional.

A voz dessas crianças sempre existiu. A diferença é que, agora, finalmente, ela pode ser ouvida.

Para as famílias, a mudança também é significativa. Pais e cuidadores relatam uma melhora na conexão com seus filhos, uma vez que conseguem compreender melhor suas intenções e sentimentos. A comunicação deixa de ser um processo de tentativa e erro e se torna uma troca real, bidirecional.

No cenário atual, a CAA também se insere em um movimento mais amplo de inclusão e direitos. Projetos de lei e políticas públicas vêm reconhecendo a importância desses recursos no ambiente escolar e social, reforçando que comunicar-se não é um privilégio, mas um direito básico de todo indivíduo.

É importante destacar que a implementação eficaz da CAA exige acompanhamento profissional qualificado, especialmente de fonoaudiólogos e equipes multidisciplinares. O sucesso não está apenas na ferramenta, mas na forma como ela é introduzida, adaptada e utilizada no cotidiano da criança.

Em síntese, a Comunicação Aumentativa e Alternativa está redefinindo o conceito de “voz”. Ela demonstra que falar não é a única forma de se comunicar e que toda criança, independentemente de sua condição, tem algo a dizer. Ao oferecer meios para essa expressão, a CAA não apenas transforma vidas individuais, mas também desafia a sociedade a ampliar sua escuta, sua empatia e sua compreensão sobre o que realmente significa comunicar-se.













SEXUALIDADE NO AUTISMO:

O que famílias e Profissionais precisam compreender



Vamos falar sobre o que ninguém fala?

Você já sentiu insegurança ao pensar no futuro afetivo de um filho ou paciente autista? Essa é uma dúvida muito mais comum do que parece. Na prática clínica, é frequente encontrar famílias e profissionais que evitam esse tema. Não por falta de cuidado, mas por medo, insegurança ou falta de informação. A sexualidade ainda é um assunto pouco abordado quando se trata do Transtorno do Espectro Autista.

Durante muito tempo, pessoas autistas foram vistas como desprovidas de desejos ou necessidades afetivas. Essa visão equivocada não protege. Pelo contrário, invisibiliza necessidades reais e aumenta a vulnerabilidade.

A realidade é outra. Pessoas autistas sentem, desejam e buscam conexões como qualquer outra pessoa. A diferença está na forma como percebem, processam e expressam essas experiências.

Silvia Marcondes

Psicóloga clínica, neuropsicóloga e sexóloga. Especialista em Sexualidade Humana pela FMUSP, TDAH, TEA e TOD pelo CBI of Miami e avaliação no TEA. Mestranda em Neuropsicologia pela UNINQ, coautora do Grande Livro do Amor e do Sexo e idealizadora, sócia e fundadora do app ConnectND.

O mito da ausência de desejo

Um dos principais mitos é a ideia de que pessoas autistas não se interessam por relacionamentos ou sexualidade.

Estudos recentes, como a revisão de Maggio e colaboradores em 2022, mostram que o problema não é a ausência de desejo, mas a ausência de orientação adequada. A negligência histórica sobre esse tema criou barreiras importantes no desenvolvimento afetivo.

Na prática, é comum observar jovens e adultos que desejam se relacionar, mas não compreendem as regras implícitas das interações sociais.

Imagine um jovem que quer namorar, utiliza aplicativos de relacionamento, mas não entende por que as conversas se encerram de forma repentina. Ele não percebe sinais sutis como interesse ou desconforto do outro. Sem orientação, tende a interpretar essas experiências como fracasso pessoal.

Esse cenário mostra como dificuldades na cognição social impactam diretamente a vida afetiva.

Corpo, sensorialidade e intimidade

Outro aspecto central é o processamento sensorial.

Para muitas pessoas autistas, o toque pode ser vivido de forma intensa ou até desconfortável. Isso não está relacionado à falta de afeto, mas a uma forma diferente de resposta neurológica.

Na clínica, é possível observar situações em que há desejo de proximidade, mas dificuldade na vivência do contato físico. Em alguns casos, a imprevisibilidade do toque pode gerar desconforto significativo. Quando há comunicação clara e respeito aos limites sensoriais, as relações tendem a se tornar mais seguras e satisfatórias.

Pesquisas recentes indicam que pessoas autistas desejam intimidade, mas precisam que essa experiência seja adaptada às suas necessidades.

Vulnerabilidade e risco

Evitar o tema não protege. Na verdade, aumenta a exposição a riscos.
Estudos indicam que pessoas autistas apresentam maior risco de vitimização sexual quando comparadas à população geral. Entre os fatores associados estão a dificuldade na leitura de intenções, a interpretação literal da comunicação e a ausência de educação sexual adaptada.

Sem orientação, um adolescente pode não reconhecer situações de risco em interações presenciais ou online. Pode não compreender limites ou consentimento.
Falar sobre sexualidade, nesse contexto, é uma forma de proteção.
Ensinar sobre corpo, privacidade e limites não é antecipar etapas. É oferecer ferramentas para segurança e autonomia.

Na prática: como iniciar essa conversa

Uma dúvida comum é como abordar o tema de forma adequada.
Alguns princípios são fundamentais. A comunicação deve ser clara, direta e adaptada ao nível de compreensão do indivíduo.
O uso de linguagem concreta facilita o entendimento. Exemplos do cotidiano ajudam a tornar os conceitos mais acessíveis. Recursos visuais também podem ser úteis.

Ao falar sobre consentimento, é importante reforçar que o "não" deve ser respeitado sempre. Também é necessário ensinar que o consentimento precisa ser claro.

Esse processo não acontece em uma única conversa. Deve ser contínuo e acompanhar o desenvolvimento.

Identidade e pertencimento

A sexualidade está diretamente relacionada à construção da identidade.

Muitas pessoas autistas passam grande parte da vida tentando se adaptar a padrões sociais. Esse esforço pode gerar cansaço, insegurança e sensação de inadequação.
Quando o indivíduo precisa esconder características para ser aceito, a construção de vínculos autênticos se torna mais difícil.
Oferecer espaços seguros, onde a pessoa possa se expressar sem julgamento, é fundamental para o desenvolvimento saudável.

Redes de apoio e informação

A construção de redes de apoio é essencial.
Ambientes de escuta qualificada e troca de experiências são fundamentais nesse processo. Plataformas e comunidades que conectam pessoas com vivências semelhantes contribuem para a redução do isolamento e para o fortalecimento emocional.
Quando famílias e indivíduos têm acesso a informações confiáveis e se sentem menos sozinhos, o caminho para a autonomia se torna mais possível.
Esses recursos não substituem o acompanhamento profissional, mas ampliam o acesso ao conhecimento.

"Falar sobre sexualidade no autismo é falar sobre cuidado, autonomia e dignidade. Quando famílias e profissionais adotam uma postura aberta e informada, contribuem para o desenvolvimento saudável e para a construção da autoestima.
Mais do que evitar riscos, trata-se de permitir que o indivíduo compreenda seu corpo, seus limites e suas relações com segurança.
O primeiro passo é simples, mas essencial: começar a conversar sobre o tema. Porque toda pessoa autista merece viver sua sexualidade com segurança, respeito e pertencimento, integrada à sua identidade e à sua forma única de estar no mundo."

Referências
MAGGIO, M. G. et al. Sex and Sexuality in Autism Spectrum Disorders: A Scoping Review on a Neglected but Fundamental Issue. Brain Sciences, 2022.
Sexuality and Disability. Experiencing Intimate Relationships and Sexuality: A Qualitative Study with Autistic Adolescents and Adults. 2024.
Review Journal of Autism and Developmental Disorders. A Systematic Review of Sexual Violence Among Autistic Individuals. 2022.
STURM, A. et al. Predictors of Sexual Victimization Among Autistic and Non-Autistic College Students. Journal of Autism and Developmental Disorders, 2023.

Whatsapp: (12) 991657425
Instagram: @drasilviamarcondes e @connectnd

Autismo não tem cara:

Falemos sobre respeito e inclusão

O autismo é um transtorno do desenvolvimento que afeta a forma como a pessoa se comunica, interage e percebe o mundo ao seu redor. No entanto, é importante entender que o autismo não tem cara. Cada pessoa no espectro autista é única, com suas próprias habilidades, desafios e necessidades. Por isso, o respeito às individualidades e a inclusão social são fundamentais.

Infelizmente, ainda existem muitos equívocos sobre o autismo. Alguns acham que quem tem autismo não pode se comunicar ou não tem sentimentos. Isso é um mito! As pessoas autistas têm potencial, mas podem precisar de formas diferentes de apoio para se expressar e interagir.



Autismo não é uma doença: o autismo é uma condição do desenvolvimento. Não tem cura, mas pode ser tratado com terapias e apoio especializado para ajudar no desenvolvimento de habilidades.

Cada pessoa é única: *o espectro autista é amplo e as pessoas autistas podem variar muito em suas habilidades, interesses e necessidades. Alguns podem precisar de apoio contínuo, enquanto outros podem viver de forma independente.*

Para que possamos construir uma sociedade verdadeiramente inclusiva, é fundamental entender o que está ao nosso alcance para promover o respeito e a inclusão. Confira algumas atitudes que podemos adotar no nosso dia a dia para apoiar as pessoas no espectro autista.

Educação e sensibilização: *aprender sobre o autismo e os desafios enfrentados pelas pessoas autistas é o primeiro passo para criar uma sociedade mais inclusiva. O conhecimento combate o preconceito e cria um ambiente mais acolhedor.*

Adapte seu ambiente: pequenas mudanças no ambiente escolar, profissional e social podem facilitar a inclusão de pessoas autistas. Por exemplo, oferecer ambientes mais silenciosos ou com menos estímulos visuais pode ser benéfico.

Respeite as diferenças: *a inclusão começa com respeito. Reconheça que cada pessoa tem um ritmo e uma forma própria de aprender e interagir. Seja paciente, compreensivo e aberto a novas formas de comunicação.*

Apoio familiar e social: *o apoio da família e da comunidade é fundamental para o desenvolvimento de crianças e adultos autistas. Incentive a participação em atividades que promovam a socialização e o aprendizado.*

Dedicado a promover a compreensão, o respeito e a inclusão das pessoas no espectro autista. É uma oportunidade de refletirmos sobre como podemos construir uma sociedade mais empática e acolhedora para todos.

EM BREVE
ALGO EXTRAORDINÁRIO
ESTÁ POR CHEGAR.. A BRASIL!

?

EMBAIXADOR TEA

UM MOVIMENTO DE PROFISSIONAIS E LÍDERES GLOBAIS EM APOIO AO AUTISMO

APENAS 1 POR CIUDAD

VOCÊ SERÁ SELECIONADO?

"Organização de seminários, cursos e workshops de alto nível em prol do autismo."

JUNTÉ-SE À REVISTA **SOMTEA**

BRASIL - ESPANHA - PORTUGAL

SÓ OS MELHORES FARÃO PARTE...

VOCÊ ESTÅ PRONTO?

Neurodiversidade:
movimento social ou mudança histórica?



Durante décadas, diferenças neurológicas como autismo, TDAH, dislexia e outras condições foram vistas quase exclusivamente sob uma perspectiva clínica, focada em déficits e limitações. Mas uma nova visão vem transformando esse cenário: a neurodiversidade. Mais do quae um conceito, ela tem se tornado um movimento que questiona padrões, promove inclusão e propõe uma nova forma de compreender as diferenças humanas.

O termo neurodiversidade parte de uma ideia simples e poderosa: cérebros humanos funcionam de maneiras diversas, e essa variação é natural. Em vez de enxergar certas condições apenas como transtornos a serem corrigidos, essa perspectiva reconhece diferentes formas de perceber, aprender, comunicar e interagir com o mundo.

Mas seria a neurodiversidade apenas um movimento social ou estamos diante de uma mudança histórica mais profunda?

Há sinais claros de que se trata de algo maior. Empresas começam a valorizar talentos neurodivergentes por suas habilidades em criatividade, foco, inovação e pensamento fora do padrão.

Escolas e universidades discutem práticas mais inclusivas. Na ciência, cresce o debate sobre abandonar modelos exclusivamente patologizantes. E nas redes sociais, pessoas autistas e neurodivergentes ocupam espaços antes negados, produzindo conhecimento e mudando narrativas.

Esse movimento também tem uma dimensão política e cultural. Ele questiona quem define o que é "normal", desafia preconceitos e propõe acessibilidade não como favor, mas como direito. Para muitos ativistas, a luta não é por adaptação ao mundo como ele é, mas por transformação do próprio mundo.

Ao mesmo tempo, a neurodiversidade não ignora desafios reais. Necessidades de apoio, barreiras sensoriais, dificuldades sociais e questões de saúde mental seguem presentes. O debate atual busca justamente equilibrar reconhecimento das diferenças com suporte adequado, sem reduzir pessoas às suas dificuldades.

Talvez a força desse movimento esteja em unir ciência, identidade e direitos humanos. E é por isso que muitos especialistas consideram que não estamos apenas diante de uma tendência social, mas de uma mudança histórica comparável a outros grandes movimentos de reconhecimento e inclusão.

Mulheres Autistas e Diagnóstico Tardio:

A Revolução Silenciada

Por muito tempo, o autismo foi visto sob uma lente limitada, frequentemente associada a comportamentos masculinos e infantis. Essa visão deixou milhares de meninas e mulheres invisíveis crescendo sem compreender por que se sentiam “diferentes”, sobrecarregadas socialmente ou emocionalmente exaustas. Hoje, essa realidade começa a mudar, e essa mudança vem sendo chamada por especialistas e ativistas de uma verdadeira revolução silenciosa.

Muitas mulheres autistas recebem o diagnóstico apenas na vida adulta, algumas após os 30, 40 ou até 60 anos. Antes disso, passaram anos sendo interpretadas como “sensíveis demais”, ansiosas, introvertidas ou até diagnosticadas com outras condições, sem que o autismo fosse reconhecido.

Uma das razões para esse diagnóstico tardio está no chamado masking o mascaramento social. Desde cedo, muitas meninas aprendem a imitar comportamentos considerados socialmente adequados, observando, copiando e escondendo suas dificuldades para se encaixar. Embora isso possa parecer adaptação, frequentemente tem um alto custo emocional, levando a esgotamento, ansiedade e crises de identidade.

O despertar para o diagnóstico, porém, tem sido transformador. Para muitas mulheres, descobrir-se autista não representa um rótulo, mas um reencontro consigo mesmas. É compreender a própria trajetória com mais compaixão, ressignificar dores antigas e finalmente encontrar pertencimento.

Nas redes sociais, movimentos liderados por mulheres autistas têm ampliado essa discussão, desafiando estereótipos e mostrando que o espectro é diverso. Elas falam sobre maternidade, trabalho, relacionamentos, sensorialidade, saúde mental e direitos temas antes pouco abordados dentro do universo do autismo.

Essa revolução também impacta profissionais e famílias. Psicólogos, terapeutas e educadores começam a rever critérios, escutar mais e reconhecer sinais que antes passavam despercebidos. O resultado é uma nova compreensão do autismo feminino, mais humana e inclusiva.

Falar sobre mulheres autistas e diagnóstico tardio é falar de reparação histórica. É reconhecer vozes que foram silenciadas e abrir espaço para novas narrativas. Porque quando uma mulher entende sua neurodivergência, não apenas sua história muda muda também a forma como a sociedade enxerga o autismo.



Tecnologia para Autistas:

Apps, IA e Ferramentas que Estão Transformando Terapias

Da comunicação alternativa à inteligência artificial personalizada, a tecnologia deixou de ser apoio e passou a ampliar autonomia, aprendizagem e qualidade de vida para muitas pessoas autistas. A tecnologia está mudando profundamente a forma como terapias para autistas são pensadas e aplicadas. O que antes dependia exclusivamente de intervenções presenciais hoje pode ser potencializado por aplicativos, inteligência artificial, realidade virtual e dispositivos sensoriais inteligentes. Mais do que inovação, trata e de inclusão prática.

Da comunicação alternativa à inteligência artificial personalizada, a tecnologia deixou de ser apoio e passou a ampliar autonomia, aprendizagem e qualidade de vida para muitas pessoas autistas.

A tecnologia está mudando profundamente a forma como terapias para autistas são pensadas e aplicadas. O que antes dependia exclusivamente de intervenções presenciais hoje pode ser potencializado por aplicativos, inteligência artificial, realidade virtual e dispositivos sensoriais inteligentes. Mais do que inovação, trata-se de inclusão prática.

Apps que apoiam desenvolvimento e rotina

Os aplicativos terapêuticos evoluíram muito além dos tradicionais comunicadores por imagens. Hoje muitos combinam comunicação alternativa, organização de rotina, regulação emocional e treino de habilidades sociais.

Ferramentas visuais ajudam na previsibilidade algo essencial para muitas pessoas no espectro reduzindo ansiedade e facilitando transições entre atividades.

Outra novidade são apps adaptativos que ajustam tarefas conforme o perfil e resposta do usuário, tornando o aprendizado mais individualizado.

Quando bem integradas ao trabalho clínico, essas tecnologias não substituem terapeutas ampliam resultados.

Inteligência artificial e terapias personalizadas

A inteligência artificial começa a transformar terapias em algo mais personalizado.

Plataformas já conseguem registrar padrões,

acompanhar progresso e adaptar atividades em tempo real.

Em vez de protocolos genéricos, cresce a ideia de intervenção baseada na singularidade de cada pessoa.

Algumas ferramentas com IA já auxiliam em:

- reconhecimento de emoções;
- treino social interativo;
- adaptação de níveis cognitivos;
- apoio na comunicação;

identificação precoce de sinais de sobrecarga.

Esse movimento aponta para terapias mais precisas e centradas na pessoa.

Assistentes inteligentes e autonomia

Outra tendência é o uso de assistentes digitais como apoio cotidiano.

Para adolescentes e adultos autistas, essas ferramentas podem ajudar em planejamento, organização executiva, estudos e roteiros para interações sociais.

Em muitos casos funcionam como suporte para reduzir carga mental e ampliar independência.

Realidade virtual e treino em ambientes simulados

A realidade virtual também ganha espaço nas intervenções.

Ambientes simulados permitem treinar situações do cotidiano como transporte público, supermercados ou consultas em contextos seguros e controlados, isso pode favorecer desenvolvimento de habilidades sociais e adaptação a cenários desafiadores com menos pressão.

Tecnologia sensorial inteligente

Outro avanço importante está nos recursos voltados à regulação sensorial.

Dispositivos vestíveis e sensores começam a ajudar no monitoramento de sinais de estresse e desregula-

ção, permitindo respostas preventivas.

Também crescem recursos como fones com controle de ruído e tecnologias pensadas para acomodar perfis sensoriais com mais conforto.

A proposta não é corrigir sensibilidades, mas apoiar melhor quem as vive.

O que muda em 2026

Uma das grandes mudanças atuais é que a tecnologia deixou de ser vista apenas como assistiva e passou a estar integrada ao cotidiano.

Recursos antes especializados começam a estar presentes em celulares, plataformas comuns e ecossistemas inteligentes.

Isso amplia acesso.

Mas especialistas também alertam: inovação não deve significar controle excessivo nem tentativa de normalizar diferenças.

Boa tecnologia é a que amplia autonomia não a que apaga singularidades.

Mais do que inovação, uma mudança de paradigma

Talvez a maior transformação não esteja só nas ferramentas, mas na mudança de perspectiva.

Por muito tempo o foco esteve em déficits.

Hoje cresce a ideia de suporte. Não apenas “como corrigir”, mas como apoiar.

Quando a tecnologia é pensada com ética, evidência e respeito a neuro diversidade, ela deixa de ser apenas solução.



Compreendendo a Neurodiversidade

e o Caminho para a Inclusão



O autismo não é uma doença, mas uma forma diferente de o cérebro processar informações. Conhecido tecnicamente como Transtorno do Espectro Autista (TEA), ele se manifesta de maneiras únicas em cada indivíduo, o que justifica o termo “espectro”. Entender essa condição é o primeiro passo para construir uma sociedade que respeite a neurodiversidade. Para isso temos que primeiro de tudo entender o que é:

O que é o TEA?

O autismo é um distúrbio do neurodesenvolvimento que afeta, principalmente, três áreas importantes: comunicação, interação social e comportamento. Ele geralmente aparece nos primeiros anos de vida e acompanha a pessoa por toda a jornada.

Diferente do que muitos pensam, o autista não vive em um “mundo próprio imaginário”. Ele está no nosso mundo real, atual, mas o percebe através de filtros sensoriais e cognitivos distintos a essa realidade.

As Faces do Espectro:

A palavra “espectro” é fundamental. Ela indica que os sintomas e níveis de suporte variam drasticamente, sendo conhecidos os seguintes níveis:

Nível 1 (Leve): A pessoa tem autonomia, mas enfrenta desafios em interações sociais e sutilezas da comunicação, tendo um suporte para superar essas dificuldades.

Nível 2 (Moderado): Há uma necessidade maior de auxílio para lidar com rotinas e interações, mas com suporte consegue realizar as rotinas e interações.

Nível 3 (Severo): Exige suporte constante para atividades básicas e pode envolver ausência de fala verbal, usando outros meios para efetivar sua comunicação.

Profissional:
psicoanalista - psicopedagoga
Daniela Silva de Macedo Sabino
Instagram: @danielamsabino
Contato: (11) 961059019

Características Comuns: Embora cada caso seja único, alguns sinais são frequentes nos indivíduos:

Dificuldade na comunicação social: Dificuldade em manter contato visual ou entender ironias e metáforas.

Comportamentos repetitivos: Movimentos conhecidos como stims (balançar as mãos, balançar o corpo, alinha brinquedos, andar nas pontas dos pés, por exemplo), ou mais conhecida como estereotipias, que ajudam na regulação emocional que previnem possíveis crises.

Interesses restritos: Um foco intenso e profundo em temas específicos (hiperfoco: como realizar atividades sem perceber o passar do tempo, ignorando completamente aos estímulos externos, por exemplo).

Sensibilidade sensorial: Reações intensas a barulhos, luzes ou texturas de roupas e alimentos (seletividade alimentar).

A Importância do Diagnóstico Precoce:

Quanto mais cedo o TEA é identificado, melhores são as oportunidades de intervenção, para melhor auxiliar.

Terapias como a ABA (Análise do Comportamento Aplicada), fonoaudiologia, psicopedagogia e terapia ocupacional não buscam "curar" o autismo, mas sim oferecer ferramentas para que a pessoa ganhe autonomia e qualidade de vida, pois irá intervir na área da comunicação (estimulando a fala e as formas alternativas de expressão), na área da socialização (ensinando a interpretação dos sinais sociais, reforçando assim a inclusão escolar), sem esquecermos da área da autonomia (preparando para realizar as tarefas diárias com independência).

Sem o suporte adequado, a criança pode desenvolver comportamentos desafiadores: agressividade ou isolamento, por não conseguir se comunicar ou lidar com estímulos sensoriais.

O Desafio da Inclusão:

O maior obstáculo para uma pessoa autista muitas vezes não é a sua condição, mas o preconceito que as pessoas têm, por desconhecer sobre o assunto.

A inclusão real acontece quando escolas adaptam seus métodos (avaliações baseadas em habilidades reais, não apenas em provas sociais ou discursivas padrões), empresas valorizam o foco e a honestidade dos profissionais neurodivergentes (flexibilidade de horários e comunicação direta por escrito), e a sociedade deixa de julgar comportamentos "atípicos" (campanhas de conscientização que substituam o "sentir pena" pelo "dar suporte". que ser quem você é nunca seja um obstáculo para viver e conviver.

Entender o autismo é compreender que não existe um "padrão único" de funcionamento cerebral.
O grande desafio da nossa sociedade não é "consertar" o autista para que ele se encaixe no mundo, mas sim adaptar o mundo para que ele seja acolhedor a todas as mentes. O diagnóstico precoce e as terapias de apoio são ferramentas fundamentais para garantir autonomia, mas o respeito e a inclusão são os pilares que garantem a dignidade.
Quando paramos de focar apenas nas limitações e passamos a valorizar as potencialidades (como a sinceridade, o foco e a perspectiva única de cada indivíduo), todos saem ganhando.
Ser inclusivo é entender que o diferente não é menos. O autismo é apenas uma das muitas cores que compõem a diversidade humana. Que possamos substituir o julgamento pela empatia e as barreiras pela acessibilidade, construindo um futuro em "Terapeuta com formação em Psicanálise e Psicopedagogia. Atuação clínica voltada para a saúde mental e dificuldades de aprendizagem. Unindo escuta clínica e intervenção pedagógica para o desenvolvimento integral do ser humano."

Quando a terapia não chega á vida real:

o desafio da generalização no TEA

Muitas crianças evoluem durante as terapias, mas encontram dificuldades para aplicar essas habilidades em casa, na escola e em outros ambientes do cotidiano. Entender a generalização é essencial para que o desenvolvimento aconteça de forma funcional e significativa.



Bruna Correa
Psicopedagoga e Neuropsicopedagoga | Especialista em ABA e Neurociência aplicada ao desenvolvimento infantil.
@psicopedagogabrucorrea

Muitas famílias de crianças autistas passam por uma situação parecida: a criança apresenta evolução durante a terapia, mas encontra dificuldades para aplicar essas habilidades em casa, na escola ou em outros ambientes do dia a dia. É comum ouvir frases como:

"Na terapia ele faz tudo, mas em casa não consegue."

"Na clínica ela responde, mas na escola parece outra criança."

"Ele aprendeu, mas não usa sozinho."

E é justamente nesse ponto que entra um conceito muito importante dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA): ***a generalização.***

Generalizar significa conseguir usar um aprendizado em diferentes situações da vida. Por exemplo: uma criança aprende a pedir água durante a terapia. A generalização acontece quando ela também consegue pedir água em casa, na escola, em um restaurante ou em qualquer outro ambiente, sem depender do terapeuta ou de comandos específicos. No TEA, isso pode ser mais difícil porque muitas crianças aprendem associando a habilidade ao ambiente onde ela foi ensinada.

Ou seja: a criança aprende naquela sala, com aquele profissional, naquela rotina específica.

Mas nem sempre consegue entender que aquela habilidade também pode ser usada em outros lugares. Por isso, algumas crianças apresentam ótimo desempenho dentro da clínica, mas encontram dificuldades para aplicar o aprendizado na vida real.

E isso não significa, necessariamente, que a terapia não esteja funcionando. Na verdade, significa que a habilidade ainda precisa ser trabalhada de forma mais funcional e em diferentes contextos.

Hoje, entende-se que repetir não é o mesmo que compreender. Uma criança pode decorar respostas, seguir comandos e realizar atividades estruturadas, mas ainda apresentar dificuldade para usar aquilo espontaneamente no cotidiano. Por esse motivo, muitas abordagens modernas têm buscado tornar o aprendizado mais natural e significativo.

A ABA naturalística, por exemplo, trabalha habilidades dentro de brincadeiras, interesses da criança e situações reais do dia a dia.

O objetivo não é apenas ensinar respostas corretas, mas ajudar a criança a se comunicar, interagir e desenvolver autonomia de forma funcional. Outras terapias também contribuem para esse processo, como fonoaudiologia, integração sensorial, psicopedagogia e abordagens voltadas para comunicação social e regulação emocional. Mas existe um ponto muito Importante:

Nenhuma terapia consegue generalizar sozinha.

A criança não vive apenas na clínica. Ela vive em casa, na escola, em ambientes sociais, em momentos de frustração, mudanças de rotina e relações do seu dia a dia. E é nestes ambientes que as habilidades precisam aparecer.

Por isso, a participação da família e da escola faz toda a diferença no desenvolvimento da criança autista. Quando a escola entende o funcionamento daquela criança e adapta estratégias, o aprendizado se fortalece. Quando a família participa do processo e estimula habilidades no cotidiano, a criança ganha mais oportunidades para praticar aquilo que aprendeu.

Pequenas situações do dia a dia podem se transformar em oportunidades importantes de desenvolvimento: esperar a vez, pedir ajuda, comunicar desconfortos, participar de brincadeiras, lidar melhor com mudanças, expressar emoções e necessidades. Muitas vezes, essas conquistas parecem simples para quem observa de fora, mas representam avanços enormes para a criança e sua família. Por isso, o desenvolvimento no TEA não deve ser avaliado apenas pelo desempenho dentro da terapia.

A verdadeira evolução acontece quando a criança consegue levar aquilo que aprendeu para a vida real. Porque mais importante do que executar uma habilidade durante uma sessão é conseguir utilizá-la com autonomia, segurança e significado no seu cotidiano.
E talvez essa seja uma das reflexões mais importantes sobre o autismo: a criança não precisa aprender apenas para a terapia. Ela precisa aprender para viver.





A escola quer igualdade

mas a inclusão exige equidade

Cibele Luongo
Pedagoga | Psicopedagoga Clínica e Institucional | Analista do Comportamento Aplicado ao TEA e DI

@pedago.cibeleluongo

11 952847935

A escola gosta da ideia de igualdade. E eu entendo por quê.
É mais simples organizar uma sala quando todos seguem o mesmo ritmo, fazem a mesma atividade, são avaliados pelos mesmos critérios. Existe uma lógica aí, uma tentativa de dar conta de tudo. Mas, na prática, isso nunca foi tão justo quanto parece.
Porque tratar todo mundo da mesma forma só funciona quando todos partem do mesmo lugar. E quem vive o cotidiano da escola sabe: eles não partem.
É aí que a inclusão começa a sair do discurso e entra no desconforto.
Quando falamos de alunos com TEA, isso fica ainda mais evidente. Não é só uma questão de "acompanhar" ou "não acompanhar". É outra forma de perceber, de responder, de estar na sala. E, mesmo assim, o que muitas vezes se oferece primeiro é o padrão.

- *A mesma explicação.*
- *A mesma atividade.*
- *A mesma expectativa.*

E, quando não funciona, a gente tenta ajustar.
Mas quase sempre depois.
Quase sempre correndo atrás de algo que já não deu certo.

E isso me incomoda.

Porque equidade, pra mim, não é corrigir depois. É pensar antes. É planejar já considerando que nem todos vão acessar da mesma forma e que tudo bem.
Na prática, isso significa mais mediação, mais tempo, outras estratégias. E não, isso não é privilégio. É o mínimo para que alguns alunos consigam, de fato, aprender.

O problema é que isso mexe com a estrutura.

Desorganiza o controle da aula, exige mais do professor, pede apoio que nem sempre existe. Não é simples e talvez seja exatamente por isso que a igualdade ainda aparece como solução mais confortável.
Ela funciona melhor no papel. Dá sensação de justiça. Mantém tudo andando.



Mesmo quando nem todos estão, de fato, aprendendo.
A equidade faz o oposto.
Ela expõe.

Mostra que o modelo não dá conta de todos. Que o tempo da aula não serve para todo mundo. Que ensinar, muitas vezes, não é repetir é ajustar o caminho.

E isso exige mudança de verdade.

Por isso, a questão que fica pra mim não é se a escola é inclusiva.

É outra:

quando precisa escolher, o que a escola sustenta a igualdade ou a equidade?

Porque, no dia a dia, essa escolha acontece.

Às vezes de forma sutil. Às vezes sem que a gente perceba.

Mas ela acontece.

E talvez o mais difícil seja admitir que, em muitos momentos, o que chamamos de inclusão ainda é só uma forma mais organizada de tentar fazer todo mundo caber no mesmo lugar.

Talvez o problema nunca tenha sido a inclusão.

Talvez seja o quanto a escola ainda insiste em não mudar.





É possível diagnosticar TDAH com uma foto do olho?

Inteligência artificial, videogames e o futuro do diagnóstico neuropsicológico
Um estudo propõe o uso de uma imagem do fundo do olho para detectar TDAH com inteligência artificial.
Outro exemplo utiliza um videogame para diagnosticar o autismo.
Uma revolução diagnóstica está em curso?

Uma nova perspectiva sobre o diagnóstico de TDAH

O Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é uma condição do neurodesenvolvimento que afeta a concentração, a autorregulação e a impulsividade. Seu diagnóstico, tradicionalmente baseado em entrevistas clínicas, questionários e observação comportamental, pode ser lento, dispendioso e subjetivo.

Mas e se uma simples imagem do olho fosse suficiente?

Um grupo de pesquisadores sul-coreanos explorou essa possibilidade. Em um estudo publicado na npj Digital Medicine (Nature, 2025), eles demonstraram que uma fotografia do fundo do olho, analisada por meio de algoritmos de inteligência artificial, pode detectar TDAH com alta precisão.

O que um exame de fundo de olho revela sobre o TDAH?

A retina, mais do que apenas uma estrutura ocular, é na verdade uma extensão do cérebro. Ela compartilha uma origem embrionária com o sistema nervoso central e pode refletir processos alterados, como a neurotransmissão dopaminérgica e o fluxo sanguíneo cerebral, que estão implicados no TDAH.

Este novo método não substitui a avaliação clínica, mas tem o potencial de complementá-la . Seria ideal como ferramenta de triagem em escolas ou áreas com recursos limitados. No entanto, são necessários mais estudos para validar seu uso em adultos, em outras culturas e em pessoas com comorbidades.

O estudo analisou mais de 1.100 imagens da retina de crianças e adolescentes, com e sem diagnóstico. Algoritmos de aprendizado de máquina, como o XGBoost, detectaram padrões sutis nos vasos sanguíneos e no disco óptico, alcançando uma precisão entre 95% e 97% .

Inteligência artificial que vê o que o olho não consegue ver.

O modelo mais eficaz alcançado foi:

Sensibilidade de 91,6% :
detecta corretamente crianças com TDAH.

Especificidade de 92% :
elimina falsos positivos.
Alto desempenho na previsão de déficits de atenção visual (AUROC 85%).

O estudo não se limitou ao diagnóstico. Também avaliou se exames de imagem ocular poderiam prever déficits em funções executivas, como a atenção visual. Os modelos identificaram com sucesso crianças com maiores dificuldades de atenção com notável precisão (AUROC > 85%).

Curiosamente, os resultados foram muito menos precisos em tarefas de atenção auditiva, sugerindo que esse método é particularmente sensível a processos visuais . Isso faz sentido, considerando que o olho é precisamente o órgão no qual a medição foi focada.

Vantagens desta técnica de diagnóstico

Não invasivo :
requer apenas uma fotografia do olho.
Objetivo e rápido : ideal para triagens escolares ou comunitárias.
Baixo custo :
potencialmente acessível em centros de saúde primários.
Complementar :
pode reforçar o diagnóstico clínico sem substituí-lo.

Confiabilidade estatística versus validade clínica
Alta precisão estatística : O sistema baseado em imagens de fundo de olho alcançou valores de AUROC superiores a 95%, com alta sensibilidade e especificidade. Isso indica uma forte capacidade de distinguir entre casos com e sem TDAH nesta amostra específica.

Validade limitada em contextos clínicos reais : Apesar desses resultados, o modelo ainda não foi validado em diversas populações, idiomas, culturas ou ambientes clínicos. O diagnóstico de TDAH é multifatorial e este método não abrange componentes como histórico de vida, contexto familiar ou comorbidades, que são considerados em uma avaliação clínica tradicional.

Complementaridade, não substituição.

Este sistema não se destina a substituir entrevistas clínicas ou questionários de diagnóstico. Seu papel ideal seria como uma ferramenta objetiva de triagem ou apoio, especialmente útil em áreas com poucos especialistas.

O modelo também não avalia a intensidade, a evolução temporal ou a interferência funcional dos sintomas, que são fundamentais nos critérios do DSM-5 ou do CID-11.



Governos:

Acabem com o isolamento e o estigma em torno do autismo

Se calcula que aproximadamente 3 de cada 100 niños padece autismo. Las personas con autismo sufren una desigualdad enorme, incluida la falta de oportunidades de educación y empleo, mientras que las familias deben hacer frente a las exigencias de proporcionar cuidados y apoyo.

Embora as pessoas com autismo estejam dando contribuições enormes para as sociedades em todo o mundo, elas continuam a enfrentar desafios significativos.

O Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres, fez um apelo por um compromisso renovado com a criação de um mundo mais igualitário e inclusivo em sua mensagem para o Dia Mundial da Conscientização do Autismo, celebrado nesta terça-feira.

O tema deste ano, "Avançando a Neurodiversidade e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU", destaca a interseção entre a neurodiversidade e os esforços globais em prol da sustentabilidade.

O objetivo é mostrar como políticas e práticas inclusivas podem impulsionar mudanças positivas para pessoas autistas em todo o mundo e contribuir para o alcance dos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável).

Isolamento, estigma e desigualdade

"Pessoas com autismo frequentemente sofrem com isolamento, estigma e desigualdade. Elas têm tido acesso negado a cuidados de saúde e educação especialmente durante crises e sua capacidade legal tem sido desconsiderada e ignorada", afirmou o Secretário-Geral.

"Essa discriminação contraria a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e o compromisso dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável de não deixar ninguém para trás. Isso precisa mudar", acrescentou.

O autismo, ou transtorno do espectro autista, é um grupo diverso de condições relacionadas ao desenvolvimento cerebral, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

As características podem ser detectadas na primeira infância, com algum grau de dificuldade na interação social e na comunicação, embora o diagnóstico muitas vezes só seja feito muito mais tarde.

As vacinas não causam autismo.

Estima-se que aproximadamente uma em cada 100 crianças no mundo tenha autismo. As evidências científicas disponíveis sugerem que muitos fatores provavelmente aumentam a probabilidade de uma criança desenvolver autismo, incluindo fatores ambientais e genéticos, observou a OMS.
A agência da ONU destacou que extensas pesquisas realizadas ao longo de muitos anos demonstraram que a vacina tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola - MMR) não causa autismo.

"Estudos que foram interpretados como indicando tal ligação eram falhos, e alguns dos autores tinham vieses não divulgados que influenciaram o que relataram sobre suas pesquisas", afirma o documento informativo.
Além disso, as evidências também mostram que outras vacinas infantis não aumentam o risco.



Necessidade de sistemas inclusivos de saúde e educação

As habilidades e necessidades das pessoas com autismo variam e podem evoluir ao longo do tempo, explica a OMS. Enquanto algumas conseguem viver de forma independente, outras têm deficiências graves e necessitam de cuidados e apoio ao longo da vida.

O autismo também costuma impactar as oportunidades educacionais e de emprego, e as famílias podem enfrentar grandes desafios no fornecimento de cuidados e apoio.
Guterres enfatizou que os governos devem adotar leis e políticas que garantam a igualdade e promovam a plena participação das pessoas com autismo na sociedade.
"Precisamos de sistemas de saúde e educação inclusivos, locais de trabalho inclusivos e planejamento urbano inclusivo para garantir que as pessoas com autismo tenham as mesmas oportunidades de prosperar", afirmou.

Compromisso com a diversidade

"No Dia Mundial da Conscientização do Autismo, reafirmemos nosso compromisso de criar um mundo onde nenhuma pessoa com autismo seja deixada para trás", concluiu ela.
Ao longo de sua história, a ONU tem celebrado a diversidade e promovido os direitos e o bem-estar das pessoas com deficiência, incluindo dificuldades de aprendizagem e deficiências de desenvolvimento.
Por exemplo, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que entrou em vigor em 2008, reafirma o princípio fundamental dos direitos humanos universais para todos.
Naquele mesmo ano, a Assembleia Geral da ONU, que reúne os 193 Estados-Membros, declarou por unanimidade o dia 2 de abril como o Dia Mundial da Conscientização do Autismo, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas com autismo para que possam levar vidas plenas e significativas como membros integrais da sociedade.



Burnout Autista em Adultos:
A Epidemia Pouco Falada

Durante muito tempo, o autismo foi discutido quase exclusivamente na infância. Mas uma pauta urgente vem ganhando espaço entre especialistas e pessoas autistas adultas: o burnout autista um estado profundo de exaustão física, mental e emocional provocado pelo esforço contínuo de adaptação a ambientes e exigências muitas vezes incompatíveis com o funcionamento neurodivergente.

Embora ainda pouco reconhecido socialmente, muitos já consideram esse fenômeno uma epidemia silenciosa.

O burnout autista pode surgir após anos de sobrecarga sensorial, pressão social, mascaramento constante e tentativas de corresponder a padrões neurotípicos.
Para muitos adultos autistas, especialmente os diagnosticados tardiamente, viver em modo permanente de compensação cobra um preço alto.



Os sinais podem incluir fadiga extrema, regressão em habilidades antes estáveis, aumento de crises sensoriais, dificuldade de comunicação, isolamento, perda de produtividade e sensação intensa de colapso interno. Diferente do esgotamento profissional comum, o burnout autista frequentemente está ligado a um desgaste existencial profundo.

Especialistas apontam que o masking esforço de esconder traços autistas para parecer socialmente "adequado" é um dos principais fatores associados a esse quadro. O que muitos chamam de adaptação, para outros é sobrevivência diária.

Ambientes excessivamente estimulantes, falta de acomodações, demandas sociais intensas e pouca compreensão sobre necessidades autistas podem agravar esse processo. E muitas vezes ele é confundido com depressão, ansiedade ou falta de motivação, o que atrasa apoio adequado.

Mas o debate sobre burnout autista vem trazendo algo essencial: reconhecimento.

Pessoas autistas adultas têm compartilhado experiências que ajudam a nomear o que antes era vivido em silêncio. E dar nome a uma experiência pode ser o primeiro passo para transformá-la.

A discussão também provoca mudanças importantes. Fala-se mais sobre descanso como necessidade legítima, limites sensoriais, ambientes acessíveis e modelos de trabalho mais inclusivos. A ideia de produtividade a qualquer custo começa a ser questionada.

Mais do que um alerta clínico, o burnout autista revela um problema social: quando a adaptação é exigida apenas da pessoa autista, o esgotamento torna-se quase inevitável.

Talvez por isso essa pauta seja tão urgente.
Porque compreender o burnout autista não é apenas falar sobre exaustão é falar sobre dignidade, suporte e sobrevivência.
E para muitos adultos autistas, ser compreendido pode ser o começo da recuperação.

O Crescimento dos Diagnósticos:

Mais Autismo ou Mais Reconhecimento? Por que os números do autismo estão aumentando?



Nos últimos anos, o aumento nos diagnósticos de autismo tem chamado atenção no mundo todo. Famílias, profissionais e a sociedade em geral fazem a mesma pergunta: há mais autismo ou estamos reconhecendo melhor aquilo que antes passava despercebido?

Para muitos especialistas, a resposta está menos em uma "epidemia" de autismo e mais em uma ampliação do reconhecimento.

Hoje há mais informação, critérios diagnósticos mais refinados e maior conscientização sobre a diversidade do espectro. Perfis antes invisibilizados como mulheres autistas, pessoas com suporte leve e adultos diagnosticados tardiamente passaram a ser identificados com mais frequência.

Décadas atrás, muitos casos eram confundidos com timidez extrema, problemas de comportamento, deficiência intelectual isolada, ansiedade ou simplesmente vistos como traços de personalidade. Hoje, há mais instrumentos para compreender essas diferenças.

Outro fator importante é a ampliação do conceito de espectro autista. O entendimento atual reconhece manifestações muito diversas do autismo, o que naturalmente impacta os números. Mas o crescimento dos diagnósticos também reflete mudanças sociais. Famílias buscam avaliação mais cedo, escolas estão mais atentas a sinais de neurodesenvolvimento, e profissionais recebem mais formação para identificar características antes negligenciadas.

Isso não significa que todas as respostas estejam dadas. Pesquisadores seguem investigando fatores genéticos, ambientais e biológicos relacionados ao autismo. Mas há um consenso crescente: boa parte do aumento observado está ligada a melhor detecção e não necessariamente a uma explosão inédita de casos.

E isso pode ser visto como avanço.

Porque ser identificado significa, muitas vezes, acessar suporte, compreender a própria trajetória e reduzir anos de sofrimento sem explicação.

O debate também convida a uma reflexão importante: talvez o número de pessoas autistas não tenha "disparado" tanto quanto nossa capacidade de enxergá-las.

E enxergar é o primeiro passo para incluir.

Mais do que perguntar por que os números aumentam, talvez devêssemos perguntar por que tantas pessoas ficaram invisíveis por tanto tempo Essa pode ser a questão mais importante de todas.

Sensory Friendly Cities:

Como as Cidades Estão se Adaptando ao Autismo



Durante décadas, as cidades foram planejadas pensando apenas em funcionalidade, velocidade e produtividade. Luzes intensas, sons altos, multidões, anúncios sonoros e ambientes visualmente carregados tornaram-se parte do cotidiano urbano. Mas, para milhões de pessoas autistas ao redor do mundo, essa realidade pode transformar tarefas simples como fazer compras, viajar ou visitar um museu em experiências extremamente desgastantes.

Agora, uma nova revolução silenciosa começa a ganhar força: o surgimento das chamadas “Sensory Friendly Cities”, cidades sensorialmente inclusivas, que estão redesenhando espaços públicos para acolher pessoas neurodivergentes com mais respeito, conforto e dignidade.

O conceito vai muito além da acessibilidade física tradicional. Não se trata apenas de rampas ou elevadores. Trata-se de compreender como o cérebro percebe sons, luzes, movimentos e estímulos do ambiente. Para muitas pessoas autistas, ambientes com excesso de estímulos podem causar ansiedade intensa, estresse, desregulação emocional e até crises sensoriais.

Em resposta a isso, aeroportos, museus, supermercados, teatros e até cidades inteiras começaram a implementar adaptações sensoriais inovadoras.

Nos aeroportos, por exemplo, a transformação é impressionante. Diversos terminais internacionais já oferecem salas sensoriais silenciosas, iluminação suave, espaços de descompressão emocional e equipes treinadas para atender passageiros



neurodivergentes. O objetivo é reduzir o impacto sensorial que normalmente acompanha viagens aéreas: filas longas, sons constantes, anúncios em alto volume e multidões.

Alguns aeroportos passaram inclusive a criar simulações de embarque para que crianças autistas possam “ensaiar” a experiência antes da viagem real. Outros oferecem cordões discretos de identificação invisível, permitindo atendimento mais humanizado sem exposição pública da condição do passageiro.

Os museus também vivem uma nova era de inclusão. Em várias partes do mundo, instituições culturais começaram a oferecer horários silenciosos, sessões com iluminação reduzida, mapas sensoriais, salas de regulação emocional e experiências adaptadas para visitantes autistas.

A proposta não é “adaptar o autista ao ambiente”, mas adaptar o ambiente às diferentes formas de percepção humana. Esse é um dos princípios mais modernos da arquitetura inclusiva contemporânea.

Especialistas em design sensorial defendem que espaços inclusivos beneficiam não apenas pessoas autistas, mas também idosos, pessoas com ansiedade, TDAH, transtornos sensoriais e até indivíduos sem diagnóstico que simplesmente preferem ambientes mais tranquilos e organizados.

Os supermercados talvez sejam um dos exemplos mais fascinantes dessa mudança cultural. Redes internacionais passaram a criar as chamadas “quiet hours” horários silenciosos em que as luzes são reduzidas, músicas desligadas e anúncios sonoros interrompidos para tornar a experiência de compra menos agressiva sensorialmente.

Para muitas famílias atípicas, isso representa algo muito maior do que conforto. Representa pertencimento.

Durante muito tempo, famílias de crianças autistas evitaram ambientes públicos por medo de julgamentos, crises sensoriais ou falta de compreensão social. Hoje, iniciativas sensoriais começam a enviar uma mensagem poderosa: “vocês são bem-vindos aqui”.

Essa transformação também está influenciando o urbanismo do futuro. Arquitetos, designers e especialistas em neurodiversidade defendem que cidades mais inclusivas precisam considerar fatores como poluição sonora, excesso visual, sinalização intuitiva, áreas de pausa emocional e previsibilidade espacial

.

Em comunidades online, pessoas autistas relatam que pequenos detalhes fazem enorme diferença: mapas com informações sensoriais, áreas silenciosas, iluminação regulável e ambientes previsíveis podem transformar completamente a experiência urbana.



O mais interessante é que essa tendência não parece ser passageira. Especialistas acreditam que a próxima geração de cidades inteligentes não será apenas tecnológica será emocionalmente inteligente. Cidades capazes de compreender que inclusão não significa tratar todos da mesma forma, mas reconhecer que diferentes cérebros experienciam o mundo de maneiras diferentes.

Talvez este seja o verdadeiro futuro da inclusão: cidades que não apenas permitam a presença de pessoas autistas, mas que realmente as acolham.

Gênios invisíveis?

Quando autismo e superdotação coexistem

Durante décadas, o autismo foi compreendido a partir de limitações. Hoje, essa visão está sendo progressivamente substituída por uma leitura mais complexa, que reconhece não apenas os desafios, mas também os potenciais extraordinários presentes em muitas pessoas no espectro. Nesse contexto, surge uma questão instigante: o que acontece quando o autismo e a superdotação coexistem no mesmo indivíduo?

WA dupla excepcionalidade frequentemente chamada de twice-exceptionality ou “2e” descreve pessoas que apresentam, simultaneamente, altas habilidades ou superdotação e uma condição do neurodesenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Embora pareça paradoxal à primeira vista, essa combinação é mais comum do que se imagina, ainda que ainda pouco identificada e compreendida, especialmente em países da América Latina.

Crianças e adolescentes com esse perfil podem demonstrar capacidades cognitivas muito acima da média em áreas específicas, como matemá-



tica, música, memória ou pensamento lógico, ao mesmo tempo em que enfrentam dificuldades significativas na comunicação social, na flexibilidade comportamental ou na regulação emocional. Esse contraste pode levar a diagnósticos tardios ou equivocados. Em muitos casos, a superdotação "mascara" os sinais do autismo; em outros, as dificuldades do TEA obscurecem o reconhecimento das altas habilidades.

O resultado? Um grupo de "gênios invisíveis" que frequentemente não recebe o suporte adequado nem para desenvolver seu potencial, nem para lidar com seus desafios.

Do ponto de vista educacional, o sistema tradicional raramente está preparado para lidar com essa complexidade. Alunos podem se entediar com conteúdos pouco desafiadores, ao mesmo tempo em que necessitam de adaptações específicas para lidar com sobrecarga sensorial ou dificuldades sociais. Sem uma abordagem individualizada, esses estudantes correm o risco de serem rotulados como "problemáticos", "desmotivados" ou até "desinteressados", quando, na realidade, estão enfrentando um ambiente que não reconhece sua singularidade.

Especialistas destacam a importância de uma avaliação multidisciplinar cuidadosa, que considere tanto os indicadores de altas habilidades quanto os sinais do espectro autista. Psicólogos, neuropsicólogos, fonoaudiólogos e educadores devem atuar de forma integrada, evitando análises fragmentadas que podem levar a interpretações incompletas
.

Além disso, é fundamental promover uma cultura que valorize a neurodiversidade. Reconhecer que inteligência e diferença não são opostos, mas dimensões que podem coexistir, é um passo essencial para construir ambientes mais inclusivos. Grandes nomes da história, frequentemente associados a traços autistas como cientistas, artistas e inventores reforçam a ideia de que mentes divergentes podem oferecer contribuições únicas à sociedade.

Para famílias, o desafio é igualmente complexo. Identificar e apoiar uma criança 2e exige sensibilidade, informação e, muitas vezes, resiliência diante de sistemas que ainda operam sob modelos padronizados. O suporte emocional, aliado ao estímulo adequado das habilidades, pode fazer toda a diferença no desenvolvimento saudável e na construção da autoestima.

No fim, a pergunta que fica não é se esses "gênios invisíveis" existem mas quantos deles ainda permanecem sem reconhecimento. Torná-los visíveis não é apenas uma questão de diagnóstico, mas de olhar: um olhar que enxerga potencial onde antes só se viam limitações.





Entre o amor e a resistência: a força invisível das mães atípicas

Há rotinas que não cabem em agendas. Há cansaços quenão se resolvem com uma noite de sono. E há amores que se reinventam todos os dias. Assim é a vida das chamadas “mães atípicas” mulheres que cuidam de filhos com condições do neurodesenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), entre outras necessidades específicas. Mais do que um papel, trata-se de uma jornada contínua de adaptação, aprendizado e, sobretudo, resistência.

Ser mãe atípica é viver em estado de atenção permanente. Desde os primeiros sinais muitas vezes sutis até o momento do diagnóstico, o caminho costuma ser atravessado por dúvidas, buscas incansáveis por respostas e, não raramente, por uma solidão silenciosa. Enquanto outras famílias compartilham marcos tradicionais do desenvolvimento infantil, essas mães aprendem a celebrar conquistas que, para muitos, passam despercebidas: uma palavra dita, um contato visual sustentado, uma pequena evolução na autonomia.

O cotidiano é exigente. Consultas médicas, terapias multidisciplinares, reuniões escolares, adaptações sensoriais, manejo de crises, organização de rotinas estruturadas tudo isso se entrelaça com as demandas comuns da vida adulta. Muitas dessas mulheres abrem mão de carreiras, reduzem jornadas ou reorganizam completamente suas vidas profissionais para garantir o cuidado necessário aos filhos. Não se trata de escolha simples, mas de uma resposta às lacunas ainda existentes nos sistemas de apoio.

Do ponto de vista emocional, o desafio é igualmente profundo. Há amor, sem dúvida um amor intenso, atento, transformador. Mas também há exaustão, medo do futuro, ansiedade diante do desconhecido e, por vezes, culpa. Culpa por se sentir cansada, por desejar um tempo para si, por não conseguir dar conta de tudo. É um equilíbrio delicado entre a entrega total e a necessidade legítima de autocuidado.

Apesar disso, as mães atípicas desenvolvem uma força que raramente é reconhecida em sua totalidade. Tornam-se especialistas em seus filhos, aprendem termos técnicos, acompanham estudos, dominam estratégias terapêuticas e, muitas vezes, tornam-se verdadeiras articuladoras entre profissionais de diferentes áreas. São também defensoras incansáveis de direitos, enfrentando barreiras institucionais, preconceitos e desinformação.

No ambiente social, ainda há muito a avançar. A inclusão, embora amplamente discutida, nem sempre se concretiza na prática. Escolas despreparadas, espaços públicos pouco acessíveis e olhares julgadores fazem parte da realidade. Nesse cenário, essas mães assumem também o papel de educadoras da sociedade, explicando, orientando e, muitas vezes, lutando por algo que deveria ser básico: respeito.

Mas há também redes que florescem. Comunidades de apoio, grupos de mães, iniciativas digitais e projetos sociais têm criado espaços de acolhimento e troca. Nesses ambientes, a experiência deixa de ser solitária e passa a ser compartilhada. Histórias se encontram, estratégias são trocadas e, acima de tudo, constrói-se um senso de pertencimento.

Falar sobre mães atípicas é, portanto, reconhecer uma realidade que exige mais visibilidade, empatia e políticas públicas efetivas. É entender que, por trás de cada criança com necessidades específicas, há uma mulher que sustenta, organiza, luta e ama de forma extraordinária ainda que, muitas vezes, de maneira invisível aos olhos da sociedade.

No fim, talvez a maior verdade seja esta: mães atípicas não são extraordinárias porque escolheram ser fortes. São extraordinárias porque, diante de um mundo que ainda não está preparado, simplesmente não tiveram a opção de ser frágeis.





...Porque cada mente importa.

SOMTEA